

Introdução

O presente estudo visa a uma reflexão sobre o homem e a sua relação com o divino e deste modo, já se demarca aqui parte do objetivo desejado. O objetivo se completa quando citamos o autor em questão, Wolfhart Pannenberg, uma vez que ele é um dos grandes nomes da teologia atual e de forma profunda e aberta dialoga com a modernidade e com todos os desafios dela advindos. Este estudo, vale dizer, é uma busca de fundamentar, através deste autor, um argumento antropológico para a dimensão religiosa do ser humano. Assim, a presente pesquisa procura sistematizar na antropologia de Pannenberg alguns fragmentos de resposta para as inquietações antropológicas ligadas à relação homem-Deus, no dia-a-dia da vida.

Como já mencionado, este estudo da antropologia de W. Pannenberg, procura alguma luz para a reflexão teológica, elaborando uma compreensão do homem como alguém que por natureza é um ser religioso, já que o homem sem Deus é um ser que se perde em si mesmo e se fecha num egoísmo sem fim. Somente quando a pessoa se abre ao seu verdadeiro destino, é que a mesma consegue se realizar como portadora da imagem e semelhança de Deus.

Nossa pesquisa dedica-se restritamente à antropologia teológica deste autor¹, recorrendo de forma parcial também à Teologia Sistemática² volumes 1, 2, e 3.

O trabalho foi elaborado em quatro capítulos que procuram sistematizar alguns elementos da visão antropológica de Pannenberg. Em primeiro momento, o trabalho apresenta o autor e sua produção acadêmica, para logo nos itens subseqüentes colocar alguns pressupostos necessários para pensar o homem no contexto da modernidade. Nestes pressupostos foram tratadas as dimensões corpo-

¹ PANNENBERG, Wolfhart. *Antropologia en Perspectiva Teológica*, Salamanca: Sigueme, 1993.

² PANNENBERG, Wolfhart. *Teologia Sistemática*, Tomo I, Madrid: Universidade Pontificia Comillas, 1996; *Teologia Sistemática*, Tomo II, Madrid: Universidad Pontificia Comillas, 1996; *Teologia Sistemática*, Tomo III, Brescia: Queriniana, 1996.

espírito dentro da elaboração filosófica e da linguagem bíblico-cristã. Em seguida apresenta o homem e a modernidade secularizada, pontuando a relação indivíduo e sociedade e os constitutivos antropológicos de fechamento e abertura, como traços da realidade do indivíduo e de sua relação com a sociedade. Na relação, indivíduo e sociedade, mesmo que brevemente, buscamos conceituar o personalismo dialógico e o personalismo dialético, para daí fecharmos o primeiro capítulo situando o homem como ser caracterizado pela abertura.

Já apresentadas as dimensões essenciais como constitutivas do ser humano na dualidade corpo-espírito, o segundo capítulo busca avançar na análise antropológica em Pannenberg, elaborando as temáticas da liberdade, subjetividade, transcendência e história, dentro da reflexão da antropologia filosófica. Este capítulo tem como finalidade lançar as bases conceituais, para daí chegarmos à afirmação central do estudo: a dimensão religiosa do homem como realidade essencial na constituição do mesmo. Para afirmar o dado religioso do ser humano em Pannenberg, se faz muito importante, ou melhor, indispensável buscar compreender a temática da liberdade, já que esta é um dado essencial na vida humana. Ao traçar o caminho da liberdade, o autor a relaciona com a noção de indivíduo e de consciência, pois sem acrescentar estes dois últimos elementos, a liberdade como tal fica enfraquecida.

Outro aspecto que se faz presente no segundo capítulo é o dado da transcendência humana. Em Pannenberg, a transcendência é dado fundamental para se definir o homem; sem ela o homem se perderia em si mesmo e também ficaria difícil de abordar a sua dimensão religiosa. Assim, a transcendência é uma característica do espírito e marca a possibilidade do homem se abrir ao mundo, pois é pela força dinamizadora do espírito presente nela, que possibilita ao homem tomar consciência do seu ser pessoa. A atitude de transcendência possibilita ao homem superar cotidianamente a sua finitude e os condicionamentos presentes no decorrer de sua existência. A transcendência, na sua compreensão mais pontual, não se dá na direção dos dados empíricos, mas na busca de unidade com o Absoluto, ou seja, com o divino. É o homem como pessoa quem ao dar conta de si mesmo pela linguagem e

pela razão, formula na cultura a superação dos seus limites, transcendendo o mundo e a natureza. Neste sentido de superação, é que se faz necessário tratar também a transcendência como história. Na história, o homem participa de seu evoluir como espírito, transcendendo-a e no processar dos fatos, a pessoa avança até a plenitude da história, sendo que tal plenitude, para Pannenberg, se dá em Deus como realização plena da pessoa humana. A história favorece ao homem um constante transcender das situações provisórias do seu percurso, para atingir a meta final de seu caminho. No último tópico deste capítulo pontua-se que a transcendência humana já se inicia na história, sendo que o seu destino final é Jesus Cristo. Neste sentido, tanto a transcendência humana como a história adquirem um novo sentido que será tema do último capítulo. Elas são marcadas pela Graça.

O terceiro capítulo constitui a parte central do estudo, pois é nesse momento que procuramos demonstrar o pensamento do autor no que se refere ao fundamento antropológico para a questão religiosa. Aqui se busca compreender a dimensão de abertura do ser humano para Deus e as implicações da mesma. Para afirmar tal dado, fez-se necessário tratar a abordagem bíblica e algumas outras abordagens do tema da imagem e semelhança de Deus na história cristã. Deste modo, a afirmação bíblica “façamos o homem a nossa imagem e semelhança” torna-se de muito peso para tratar o dado religioso no ser humano, dado este, que já se faz presente desde a origem da criatura. Ainda no sentido da *imago Dei*, o autor trabalha a relação do homem que é marcado pelo divino, mas é convidado a realizar este traço na vivência concreta do mundo. É na história, que o homem deve buscar realizar a sua imagem e semelhança com Deus. O modelo perfeito de imagem e semelhança com Deus é Jesus Cristo; Ele é a plenitude da dignidade humana e revela ao homem o homem novo, como esperança escatológica já realizada na história e na vida humana.

Depois de pontuar alguns elementos na temática da *imago Dei*, o trabalho demonstra na antropologia de Pannenberg a essencialidade religiosa no antropológico. Aqui busca-se fazer uma abordagem da validade da dimensão religiosa quando se fala do homem tratando logo

em seguida, do tema da confiança e abertura como características do homem religioso. Ainda, tematiza a pessoa como identidade religiosa, pois somente compreendendo o verdadeiro sentido do ser pessoa e buscando responder às necessidades da mesma, como ser espiritual, é que se consegue algumas respostas para questões que vão além do puro racional. Na identidade da pessoa, como ser integral e integrado, o indivíduo se descobre como identidade religiosa, construindo para si símbolos e ritos. Ele busca adentrar no mundo do mistério inefável que transcende a ele mesmo. Para Pannenberg, o homem já é marcado em sua natureza pela dimensão religiosa. Tal dimensão não está como um penduricalho colocado nele, ao contrário, ela faz parte do ser pessoa e a pessoa só se realiza de forma integral quando se coloca na condição de abertura ao mundo, aos outros e a Deus.

O capítulo quarto, mais voltado para a escatologia, é o culminar da abordagem anterior. Ele mostra que o destino do ser humano está fundamentado na pessoa de Jesus Cristo. É Jesus o verdadeiro libertador do homem. Se antes o tema da liberdade foi abordado mais na ótica filosófica, agora ele assume um conteúdo teológico-bíblico. Assim, a liberdade não é somente conquista do ser humano, mas muito mais dom e graça que ele recebe de Deus desde o momento da criação. Somos libertados na liberdade divina e, esta constitui a verdadeira liberdade. Para o cristão, a liberdade é comunhão com Jesus e a participação na sua filiação junto do Pai, isso implica na participação da sua missão. Ela não é somente uma formulação conceitual filosófica, mas é fruto da bondade de Deus e dom do espírito que torna os homens permanentemente livres e os fazem participantes da filiação de Jesus Cristo.

Esse capítulo tem um caráter escatológico. Mesmo que o estudo não tenha tido esta finalidade específica, vimos que não tinha como falar dos fundamentos antropológicos do ser humano sem chegar a tal desfecho. A Encarnação de Jesus é para o ser humano um marco decisivo e definitivo de esperança e de realização. Ao apresentar Jesus Cristo como modelo para o homem, fica evidente em Pannenberg a sua posição antropológica: a salvação do homem se realiza em Jesus Cristo,

ela não é uma salvação fora da história e alienada do mundo, ao contrário, ela se dá na história e no homem situado no aqui da vida. O Filho se encarna e se faz homem para elevar o homem à condição divina; esta é a esperança que norteia a vida do ser humano. Na ressurreição de Jesus, a pessoa humana é reconciliada com o Pai e a história marcada por pecados e fragilidades se eleva ao divino. Desse modo, o futuro do homem já é revelado no presente escatológico da ressurreição de Jesus. A plenitude da realização humana não está nele mesmo como esperança, mas ela se dá na revelação do amor de Deus. Ele mesmo quis demonstrar esse amor para com a humanidade enviando seu Filho ao mundo. Aqui vale encerrar com a frase de João: *Deus é amor.*